

O D E

Q U E

AO BRIO DO EXERCITO PORTUGUEZ,

PARA SE RECITAR NO MEMORAVEL DIA 15
DE SETEMBRO DE 1821.

NA REUNIÃO

DA

SOCIEDADE CONSTITUCIONAL

DO

ARSENAL DA MARINHA,

D.

JOSE' FERNANDES DE OLIVEIRA LEITÃO DE GOUVEA.

O D E.

NESTE dia Immortal em que Ulysséa
Nos resplendores brilha
Da candida verdade, a quem primeiro,
Lyra, daremos versos
Que aos inclitos Heroes, que tendo livre
D'estranho jugo a Patria,

Do imperio universal, que a ignorancia,
 De males mãe fecunda,
 Pela terra estendeo, nos libertarão?
 Nem tanta gloria o Luso
 Alcançou, quando, para entrar d'aurora
 No leito aureo rosado,
 Neptuno ao fragil pinho submettêra,
 E as horridas porcellas
 Do Tormentorio Cabó não temendo
 Ou do enorme Gigante
 A voz medonha e má, e o aspecto horrendo,
 Do Ganges' na espessura
 As fontes foi cingir co'a nobre palma:
 Nem quando novo Mundo
 Do grande Affonso ao Reino accrescentára;
 Ou, inda mais depressa
 Do que as sombras o claro Sol dissipa,
 D'infesto Gallo ha pouco
 Mil horridas, mil barbaras phalanges,
 Qual raio crepitante.
 Do Averno despenhou no immenso lago;
 Quanta, da Lusa Terra,
 Depois que, o Despotismo afugentando,
 Torna vasio o espaço,
 Que opressores Tyrannos sem limite
 Entre Monarcha e Povo
 Occuparão, sorrindo-se aos clamores
 Da opressa Humanidade;
 Ou quando, ó Grão Monarcha, a voz seguindo,
 Que Lysia aos Ceos alçára,
 De Lusos Rei Te acclama, qual es digno,
 Livres, já não de esvavos,
 Que fomos . . não de Ti, que nunca os Lusos,
 Aureo sceptro empunhando,

Te tememos, Senhor, mas Te adoramos:
 Não de Ti, que á maneira
 Que o Ceo se alegra, quando o Sol renasce
 No dourado Horisonte,
 Tua Face ficou resplandecente,
 Depois que ao Ceo juraste;
 E juramos tambem manter com Tigo
 Religião, e Throno,
 Do Lusitano a Lei, e a Liberdade.
 No influxo sim gememos
 De satellites vis, que aos resplandores
 Se entrepunhão do Solio,
 Para luzirem sós na escuridade
 Da noite horrenda e feia;
 Em que submersa, ó Lusitania, estavas,
 Mas tanto que voltastes,
 Voltou com Tigo a nós o claro Dia:
 Por tanto longo tempo
 Vive, vive entre nós: em nosso peito
 Será Teu Throno estavel.
 Quando da Ursa os Filhos se congreguem;
 Do Sol raça inimiga,
 Para arrancar-Te o Sceptro; ou ver a Tocha
 Da Liberdade extincta,
 Mal conheção do Marte Lusitano
 O Braço irresistivel,
 Ou correrão de novo a sepultar-se
 Entre os agudos gelos,
 Ou se irão esconder d'horrorisados
 Nas sombras do Cocyto;
 Que penhor sempre firme da victoria
 Temos nas Sacras Quinas.
 Vive, vive entre nós; que, separada
 Do Solio Magestoso

A torpe Adulação, já se aproxima
 Sem adorno a verdade,
 E nos olhos co'a venda a sã Justiça.
 Os nobres Semi-Deoses,
 Em que da Liberdade a Luz Celeste
 Vimos raiar primeiro,
 E os inclitos varões, que alto ornamento
 Também da Patria nossa,
 Leis vão dando immortaes, e reunidos
 São da Sciencia o foco,
 No profundo saber, valor, Justiça,
 Serão d'exemplo ao Mundo,
 Que assás, Senhor, Te admira, conhecendo
 Qual he mais glorioso,
 Se Rei de Livres ser, se Rei d'escravos.
 Não póde a curva concha
 Conter do Oceano as agoas; nem fallece
 Cantor, que os Lusos Feitos
 Ao som d'Epica Tuba fazer possa
 Subir á Eternidade.
 A mim, aos versos meus pequena parte
 Cabe de gloria tanta
 Se no Rosto de Lysia me consegués,
 Harmoniosa Lyra,
 Sorriso approvador, irei co' a frente
 As nuvens transcendendo,
 E envolto no clarão da Lusa gloria,
 Ferir sublime os Astros.

O D E.

DIA 15 DE SETEMBRO DE 1821.

..... Monumentum aere perennius
Regalique sita Pyramidum altiu.

Horac. Lib. III. Od. XXX.

Hum Monumento mais que o bronze eterno,
E que as reaes Pyramides mais alto.

Elp. Dur.

I.

Pois volta, ó Lysia, o Dia memorando,
Que os Deoses em diamante já gravarão:
Com que eternos padrões este almo Dia
Aos longos evos mandas?

II.

Que marmores, que bronzes, lenços (1), télas
Ao sinzel, ao buril, pincel, e agulha (2)
De teus genios preparas? Que altos cantos
Os Cisnes teus entoão?

(1) Repare-se na significação do termo *Lenços*; ella está neste lugar do nosso insigne Poeta Gabriel Pereira de Castro, *Ulyséa* Cant. X. est. CXXXVIII.

Preparem para imagem de Filippo
Lenços Apelles, marmores Lysippo.

(2) A agulha he para obras de bordadura, tapeçarias, etc.

III.

Surgi das frias cinzas, claros vates,
 Que Lysia eternizastes: venha á frente
 O *Cantor Nacional*, o genio immenso
 Que o Téjo, e Aurora assombra.

IV.

Castro, Ferreira, Vasco, Alvares, Menezes, (1)
 Que além do tempo, e morte vos salvastes;
 Oh! se ramanho Dia vos luzisse,
 Que novo assumpto á tuba.

V.

Mas já do Olympio heróes baixando assoinão,
 Albuquerque, Pacheco, Almeidas, Castro,
 Que á Patria gratular, que a defendela,
 Se for preciso, tornam.

VI.

Mas que Heróe, ou que Deos lá vejo á testa
 De tão brilhante, portentosa turma?
 A barba veneranda á cinta desce,
 No lado a espada cinge.

(1) Francisco de Sá Menezes. A da *Malaca conquistada* Haveria quem entendesse que fallavamos de D. Francisca Xavier, José de Menezes, 4.º Conde da Ericeira. A da *Henriqueido*. O primeiro poema de melhor seculo; mas o segundo não he tanto para desprezar como alguns pensão.

VII.

He Nuno, he Nuno, que em nublados dias
 Ao Reino forte anima que notava;
 Que a Coimbra chama as Cortes, e assegura
 A Liberdade, e o Sceptro.

VIII.

Já para nós se avança, já nos falla,
 O bravo ardor trocando em doce riso;
 „ Eu sou, nos diz, da Patria amargurada
 „ O fero vingador.

IX.

„ *A Lusitana antiga liberdade* (1)
 „ Sustentei, defendi, guardei constante
 „ Contra as feras falanges de Castella,
 „ E contra vis traidores.

X.

„ Meus filhos, esse raro Monumento,
 „ Que hoje em roxa fundaes com mãos já livres,
 „ Novo milagre ao mundo, ao ar se eleva,
 „ E o Grande Dia atteste.

(1) Os versos, que vão neste caracter, são de Camões.

XI.

„ Esse Dia immortal, que em homens livres,
 „ De escravos, que antes ereis, vos levanta;
 „ Se o mundo inteiro, ou se impias mãos se alçassem
 „ Contra nossos direitos.

XII.

„ Eu só com esta a Lei, e o Pacto nosso
 (*E dizendo isto arranca meia espada*)
 „ Defenderei, como antes, contra todos,
 „ E naturaes, e estranhos.

XIII.

„ Mas não, não he preciso, pois lá tendes
 „ Esses altos Varões, que não desdizem
 „ Do nome Luso; que jurarão firmes
 „ Morrer, ou ser libertos. (1)

(1) Allude á sexta saude, que no grande jantar de 15 de Setembro, na Salla do Risco, levantou o Senhor Manoel Fernandes Thomaz, Presidente eleito a votos neste magnifico festim; e o nobre enthusiasmo, com que toda a assemblea repetio e proclamou, à saude do Heroe da Liberdade, como sentimento que sahia a todos da alma, nem he possivel exprimi-lo, nem teve talvez modelo até hoje, nem será excedido.

XIV.

„ Em vão se armassem hostes furibundas
 „ Nas plagas Boreaes, Ruthenos, Brusios, (1)
 „ Bohemios, Austros . . . Ah são vis escravos,
 „ Que a nobre Hesperia assusta (2).

XV.

„ Voando fugirião, mal que vissem
 „ Tremolar os pendões da Liberdade,
 „ Deste attributo nato, que nos peitos
 „ Poz Deos com a mão divina.

XVI.

„ A' frente dos meus Lusos eu, eu fôra
 „ Cravar da Livre Hesperia os Estandartes
 „ Nos Montes de Pyrene, e os homens todos
 „ Chamar ao livre asilo.

XVII.

„ Nada temei; felices, venturosos
 „ Vereis correr os Seculos, tranquillos
 „ Na abundancia na paz, fraterno laço
 „ Dous Mundos prenderá.

(1) Assim nomeia Camões os Russos e Prussianos.

(2) Por Hesperia não entendião os Gregos e Romanos a Italia sómente; entendião tambem toda a Hespanha, porque lhes ficava ao Occidente, ou dissessem *Hesperia* simplesmente, ou *ultima Hesperia*.

XVIII.

„ Ah! Lusos, celebrai com leda fronte
„ A volta deste Dia eternamente;
„ Dia que lá nos Ceos o Deos, que he justo,
„ Sellou com Sello eterno.

XIX.

„ Desta arte aos nossos falla, e esforça Nuno;
„ E já remonta aos ares, já se esconde.
„ Mas lá dos Ceos a nós seus olhos volve
„ E nossos passos guia.

(Leucacio Fido)

José Theotónio Canuto de Forjó.

POEZIAS QUE SE DISTRIBUIRÃO
NO
JANTAR CONSTITUCIONAL
DA
SALLA DO RISCO
DO
ARSENAL DA MARINHA,
NO PRIMEIRO ANNIVERSARIO
DE 15 DE SETEMBRO DE 1821:
POR OCCASIÃO
DO
FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO
DA
POLITICA REGENERAÇÃO DE LISBOA,
EFFECTUADA EM 15 DE SETEMBRO DE 1820.

O D E.

AOS PORTUGUEZES REGENERADOS.

..... Vivite fortes

Fortiaque adversis opposuisti pectora rebus

Hor. Ep. Lib. 2. Ep. 2.

Assim Catão oppressa a Patria vendo
Pela espada de Cezar
Que Rei de hum Povo-Rei a erguer-se aspira,
E a Roma ingrato, o ferro

Dos seus Concidadãos no sangue ensopa ;

Assim deliberando

'A's armas recorrer, o Heroe exclama.

„ Soffrer acaso deve

„ Hum Romano, como eu, atroz afronta

„ De parecer escravo,

„ E ver a Patria de hum Tyranno escrava?

„ Liberrimos não sahem

„ Das mãos da natureza os homens todos?

„ Se em Sociedade Humana

„ Não cumprisse viver, quem dictaria

„ A conducta da vida

„ A Catão, senão elle? e quem ousára

„ Regras, Leis prescrever-lhe?

„ Sociaes, porém, nascendo, se he forçoso

„ Ceder de alguma parte

„ Do jus de cada hum a bem do Todo;

„ Se a propria liberdade

„ Por este mesmo bem coarctar-se deve:

„ A pró da Lei se estreite,

„ Em favor da virtude, e não do crime!

„ Leis justas patenteem

„ A vontade geral, e os homens rejão . . .

„ Eis da Razão o brado

„ E o Pacto social eis nasce, e mostra

„ Tão sómente firmar-se

„ Das Leis na rectidão . . . Se esta lhe falta,

„ Ou a torce quem rege,

„ E dellas em lugar supre a vontade;

„ O Despotismo eis surge . . .

„ O Pacto se quebrou . . . e então nos toca

„ Primeva liberdade.

„ Reasumir sem mancha, e sem delicto!

„ Para mal nos regerem,

„ A virtude oprimirem, premio darem
 „ Ao execrando crime;
 „ Para em vez da abundancia, a vil penuria
 „ Injustos promoverem:
 „ Não foi que em Sociedade congregados,
 „ Consentimos mandasse
 „ Sobre nós hum Poder, sem ser nós mesmos!
 „ A' palavra faltárão;
 „ Desligados, tambem, findou o prazo
 „ Da nossa obediencia! . . .
 „ Leis novas se promulguem (se o defeito
 „ Das pessoas proviera) . . .
 „ A hum perverso Governo, hum bom succeda
 „ (Se o mal dalli ha vindo) . . .
 „ E se huma causa, e outra os males nossos,
 „ E a Publica miseria
 „ Procreárão . . . he justo . . . ambas acabem! . . . „
 Tal fizemos ó Lusos,
 Hum Governo depondo que esmagava
 Não protegia os Filhos
 Da grande Nação nossa, que reuníra
 A' custa do seu sangue
 A Patria tantas vezes . . . que expozera
 Por elle mesmo a vida,
 Quando o Gallo espalhando a morte, e o luto
 Injusto outr'ora, erguêra
 Sobre sua cabeça a espada nua!
 De escudo o Corpo nosso
 Então servio, ó Lusos . . . inda existem
 De tal verdade as provas . . .
 Testemunhas do facto . . . as cicatrizes! . . .
 E assim a hum fido Povo
 Que a vida lhe salvou, assim se paga?
 Negar-lhe a subsistencia,

E se os meios requer, se a fome o insta
 A queixar-se vehemente;
 Apontar-lhe (surrindo) o cadafalso? . . .
 Deposto com justiça
 Seus crimes reconheça, e generoso
 Mais que outro algum, confesse
 O Lusitano Povo! . . . Os seus Direitos
 Se este em fim recupera,
 Não offende as Nações, comsigo he justo!
 Igual projecto fôra
 O do forte Catão em priscas Eras:
 Qual obrámos, quizera
 Este Heroe praticar, Roma livrando
 Do Despotismo insano
 De Cezar tal em gloria qual em crimes;
 Que salva quer a Patria
 De todo o estranho jugo, e ao seu subjeita!
 Do Universo Senhora,
 E escrava d'elle só, e seus caprichos!
 Seus designios, com tudo,
 Frustrados Catão vê; e vê perdidos
 Seus liberrimos Planos . . .
 E aquelle coração que a morte afronta;
 Sem pavor, vezes tantas;
 De escravidão a idéa, se estremece . . .
 E succumbido geme,
 E não cabendo em si, assim decide.
 „ Por quanto nasci livre,
 „ Indigno he do meu ser morrer escravo!
 „ Salvar a augusta Roma
 „ Desvellado busquei . . . impios destinos
 „ A votão ao Sepulchro! . . .
 „ E pois não posso obstar a tal desdita,
 „ Attende, ó Patria minha,

„ Escuta de hum teu Filho o assento extremo.
 „ Catão contigo acaba . . .
 „ Não quer sobreviver se extincta ficas ! . . .
 „ A estancia tenebrosa
 „ De Cocyto Lethal sua alma desce . . .
 „ Mas desce, ó Roma, livre ! . . .
 „ E em quanto no Universo a Historia acclame
 „ O' Patria, o teu renome;
 Durará de Catão eterna a fama!
 Dizendo, o peito encosta
 Ao ferro; e cahe, e arqueja, e treme, e morre ! . . .
 Eis o modelo, ó Lusos . . .
 Modificalo, sim, no mais á risca
 Imita-lo cumpríra,
 Se huma Força qualquer ameaçasse
 Volver a Patria escrava.
 Não inculco o Suicidio, á morte exhorto
 No Sacro Campo de Honra!
 Entre a morte e a ignominia, o Varão justo
 Aquella sempre escolhe;
 E o Rei que dos seus préza a fama, applaude
 A tão heroico intento.
 Quando o Sexto João as Bases firma
 Do novo social Pacto;
 Prudente assim cuidando se convence
 Que sobre hum Povo livre
 He mais gloria reinar, que sobre escravos!
 Nunca o Throno vacilla,
 Se mais que o duro ferro o amor o guarda!
 E tu já salva, ó Patria,
 Aceita de hum teu Filho as deveis vozes
 Que em tenue metro exprimem
 Tua gloria immortal, seus puros votos;
 Em tão preclaro dia

Em que unida Ullysea , ao Douro ovante ;
 Lusitania remira !
 „ Salve ó dia feliz , que lhe abonaste
 „ Constituição sagrada !
 „ Tua Festa annual sempre que volva ,
 „ A Lysia hade ser grata !
 „ No amor da Patria , pois , dá que abrazado
 „ E unido a ti o Vate ,
 „ Livre Constituição acclame ou morte ! . . .

Por João Antonio dos Santos.

CANTO NA SOLIDÃO.

A GORA que dos Ceos no longo espaço
 A Terra fecha o círculo brilhante
 Do anno mais feliz do Luso Imperio,
 E os livres Cidadãos croando as frentes
 De Louros imurchaveis te saudão,
 Te dão mil graças, te decantão bella;
 E de seus corações no altar sagrado
 Candida Aurora, incensos te offerecem:
 Ouve, acceita sorrindo o grato, o puro
 Devido canto, que reuno as cordas.
 Inda meia desperta, e meia em sonhos,
 Cheios só das acções da Patria minha,
 No carro de ouro, que tapizão rosas,
 Recostada, e sorrindo-te, e formosa
 C'hum grinalda de tecidas murtas,
 Mal assomas no Ceo: Favonios, fontes,
 Aves, bosques, e prados te saudão
 De incognito prazer fervendo em ondás.

Em quanto noite por te ver nascente
 Não cede ainda, não recolhe ás grutas
 O tacito esquadrão das feias trévas,
 No silencio d'hum bosque, a margem fresca
 Do manso Téjo, que inda a luz não doura,
 No coração, na mente, em gosto, em gloria,
 Considero, revolve os novos Fados,

Q' em fio d'ouro as Parcas nos concedem,
 E á lyra os caso, bem que a voz não suba
 Té onde o coração, e a mente sobem.
 Os Seculos de gloria ei-los renascem:
 Os Dias dos Heroes, dos Semi-Deoses,
 Dias Caros aos Ceos, e á humanidade:
 Meiga beneficencia, alta justiça,
 Sacrosanto direito, a liberdade,
 A sciencia com luz, com brilho as artes,
 Premio dado ao saber, dado á virtude,
 Opulencia, e prazer, tudo voando
 Vem do gremio de Jove á Estancia nossa.

Quem te plantou nas margens verdejantes,
 Ceruleo Téjo, tão soberbas palmas?
 Quem te deu, que outra vez humedecendo
 Em lagrimas de gosto a verde barba
 Visses em tua foz teu Rei, teu Nume;
 Aquelle que partindo chorando viste,
 Aquelle por quem sempre suspiraste?
 Quem te fez venturoso? ah! nunca o tempo,
 Nomes, que sabes tu que sabem todos,
 Gastará nos Padrões, que insculpe a Gloria,
 Vai: ufano, e feliz entra nos mares;
 Desde onde te produz altiva Iberia,
 Té que ao mar espumoso as vagas levas
 Vez dois Povos d'Heroes; dois Povos livres.

Que vezes nascendo a Irmã do Phebo,
 Nos mesmos de Ulissea já tem visto
 Da Intacta Liberdade os Estandartes,
 Sem que barbara mão tentasse ainda,
 E quem o tentará? lançar por terra
 Sacro edificio da ventura nossa:
 Fanatico temor, suspende os sustos,
 Reprime a voz d'agouro, insana inveja;

O Ceo; que nós protege; o Ceo propicio
 Aos Campos da Virtude; aos fertes Campos;
 Onde junto da flor rebenta o fruto,
 E além do bem já certo, outro desponta;
 Já mais permittirá que infestas nuvens
 Sobre nosso Horisonte se condensem:
 Mas se para provar nossa constancia
 Jove em fim permittir que os féros Ursos;
 Filhos do gelo, horror da humanidade,
 Se lembrem por seu mal prostrar o sacro
 Da Lusa Liberdade altar já firme,
 A Deosa os punirá: maior, mais vivo
 Fazendo o Luso esforço igual ao raio.
 A seu Templo erguerá barreira eterna.

Que mais ha que temer? ah! póde a Patria
 A Patria nossa! a Mãi d'Heroes? ó Lysia!
 Tu monstros produzir que te enxovalhem?
 Nutrir ao seio teu a infamia, o crime?
 Qual entre as rozas penetrante cardo
 Haverá entre os teus hum falso hum tigre,
 Que nutra idéas de rasgar-te o peito?
 Não: teus filhos leaes conhece o Mundo:
 Tu melhor que ninguem agora os sentes:
 Mas se existisse á vergonhosa scena
 Scena de horror, que os Ceos nos não preparão
 Corra-se hum negro véo, pois fora hum crime
 No dia mais feliz, e o mais jucundo
 Em sangue infame profanar os olhos:
 Vinde outra vez, amenizar-me as horas,
 O' scenas de prazer, que gosa a Patria,
 Q'a Patria gosará por largos annos.

Mas já vencida inteiramente a noite
 Desapparece a Aurora; e o Sol batendo
 Em seu carro pomposo as redeas de ouro

Vem debruçando sobre nós a frente
Ancioso de gosar nossa ventura.

Basta de Solidão: adeos, ó bosque,
Q'estes sons vezes mil me tens ouvido,
Q'estes sons vezes mil hão de escutar-me.

De meus Concidadãos eu parto, eu vou
A engolfar-me no jubilo sem termo.

Por Antonio Castilho.

SONETO.

A' SANTA ARVORE DA LIBERDADE.

Qui n'ose s'affranchir est digne de ses chaînes.

Gresset Trag. d'Edo. III.

Ferros merece quem cobarde os soffre.

Traducção do Author.

A SOMBRA tua, ó Arvore Sagrada,
Se acolhe a Geração do Luso antigo,
Presta-lhe doce bonançoso abrigo,
Co' a larga rama de verdor cerrada;

Por seculos crueis agrilhoada
Soffreo chorosa imerito castigo,
Té que raiou no Ceo sereno, e amigo,
Astro que varre a cerração pezada.

Manhã sem noite, estavel Primavera
Lhe affiança solícito vindoiro,
Por voz do grande, que no Olympo Impéra.

O' Arvore, medrai com santo agoiro;
Levai os ramos á Luzente Esphera,
Da Liberdade a bem, que he mais que o oiro.

Por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

SONETO.

AO GLORIOSO ANNIVERSARIO DA NOSSA
REGENERAÇÃO POLITICA.

SALVE Dia feliz, que a Paz, que a Gloria
Ledo trouxeste á Lusitana Gente!
Ergão-te o mal passado, e o bem presente,
Alto Padrão na vividoira Historia.

Sobeje ás Eras a fiel memoria
De teu Nome sem par, que a plaga ardente,
Africa adusta, e nitido Oriente,
Salva da escravidão baixa e notoria.

Fuja a lembrança dos doirados dias
Que teve Portugal, posto se anoje
Turba servil de pérfidas Harpias.

De hum golpe o negro Despotismo róje,
E veja que cessando as tyrannias,
Escravos hontem, são Romanos hoje.

Por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

G

